

Museu do Senado mostra acervo no Salão Nobre

Mudança para nova sede já aumentou a frequência para ver objetos raros e que pertenceram a senadores

O Museu do Senado Federal está de cara nova. Com acesso fácil àqueles que querem conhecer um pouco da história da Casa desde o Império, ele agora ocupa o Salão Nobre do Senado, um amplo espaço próximo ao plenário, e pode ser visitado, nos dias úteis, das 9 às 12h e das 14 às 18h. Com uma média de oito visitantes por dia, quando funcionava na Sala Filinto Müller, o museu passou a receber, desde o último dia 18, quando foi transferido de local, entre 40 a 60 pessoas diariamente.

Objetos que pertenceram aos senadores, livros raros, atas de sessões realizadas no Império, obras de arte, tinteiros datados do século XIX, urnas de prata e peças doadas ao Senado por delegações estrangeiras fazem parte do acervo do museu. Mas o que mais impressiona, por sua imponência, é o plenário que pertenceu aos palácios do Conde dos Arcos — onde o Senado funcionou entre 1826 e 1924 — e Monroe — que abrigou a Casa entre 1925 e 1960.

As peças do plenário foram confeccionadas artesanalmente em madeira-de-lei por presidiários da Penitenciária do Rio de Janeiro e pela Casa Leandro Martins, a mais famosa casa de móveis da época. As bancadas, a mesa diretora e as estantes têm estilo neoclássico, com detalhes em “canelura”, folhas de acanto e rosáceas. Já as cadeiras do plenário e da mesa diretora são em estilo Luís XVI.

A mesa diretora do antigo Senado tem cinco cadeiras, destinadas ao presidente e aos quatro secretários, e, atrás dela, há estantes cujas portas têm vidros em cristal bisotado. O plenário tem dez bancadas, sendo cinco de cada lado — que formam dois semicírculos —, com cadeiras para 64 senadores e microfones para apartes. Completam o conjunto duas mesas para os taquígrafos e bancadas destinadas à imprensa e a convidados (tribuna de honra).

Tinteiro francês — Entre as peças mais bonitas do acervo, estão os tinteiros. Um deles fica sobre a mesa diretora. É um tinteiro-escrivania esculpido em bronze, com a figura de Demóstenes, e peças em cristal lapidado. Pertenceu a Antonio Paulino Limpo de Abreu, o Visconde de Abaeté, senador por Minas Gerais e presidente do Senado de 1861 a 1873.

A compra desse tinteiro foi registrada em ata de reunião da mesa diretora realizada no dia 18 de novembro de 1868. Nela, é feita a

comunicação de que, conforme o que havia sido resolvido anteriormente, o presidente encomendara “para a Europa um grande tinteiro de bronze, para uso e serviço do Senado”. A ata, que também pode ser vista no museu, informava ainda que a peça viera a bordo do vapor francês **Guienne**, e tratava dos procedimentos necessários à retirada da peça na alfândega.

O museu exibe ainda tinteiros em prata trabalhada, em alabastro — utilizado pelo então senador Ruy Barbosa —, e em mármore negro. Ao lado dos tinteiros, podem ser vistos objetos pessoais de senadores, como um copo de cristal e uma xícara de porcelana que pertenceram ao senador do Império Tomás Pompeu de Sousa Brasil (bisavô do ex-senador pelo DF Pompeu de Sousa) e canetas.

Cristais — Os lustres do Palácio Monroe, em cristal tcheco bisotado e bronze, também atraem muito a atenção, assim como as urnas de prata, destinadas a colher os votos dos senadores e que mais tarde foram substituídas por urnas de madeira. Essas urnas já compunham a mesa do plenário do Palácio do Conde dos Arcos. Isso pode ser constatado em quadro pintado por Vitor Meireles (1832-1903) — um óleo sobre tela, representando o juramento da princesa Isabel ao assumir, pela primeira vez, a Regência, em 20 de maio de 1871. Esse quadro faz parte do acervo do Museu Imperial de Petrópolis. Uma pequena reprodução dele está no Museu do Senado, e nela foi colocada uma seta indicando o local onde as urnas foram pintadas.

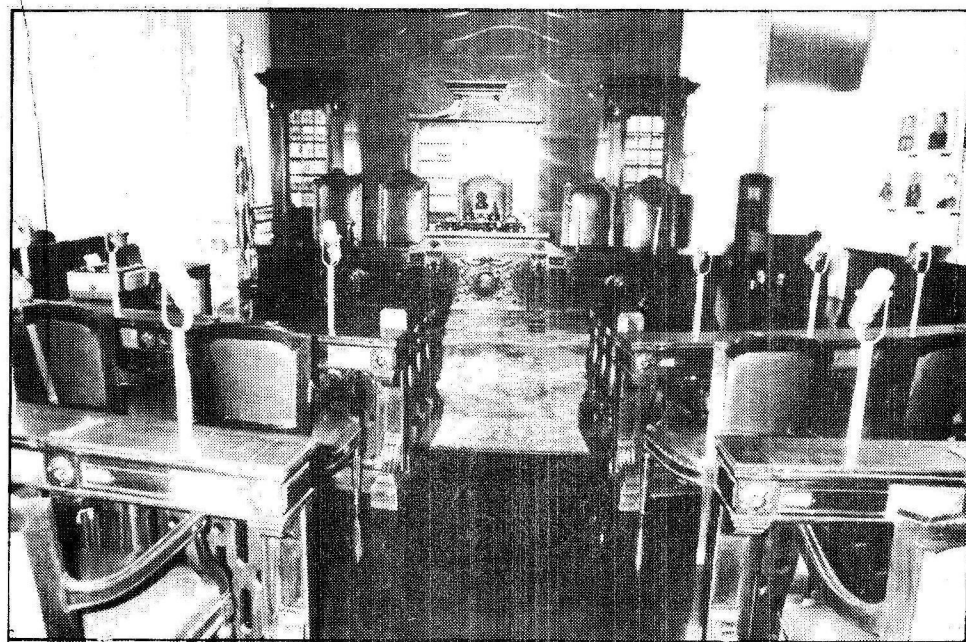
Na parte das obras raras, o visitante pode ver o 1º impresso no Brasil do projeto de constituição de 1824. O projeto, elaborado pelo Conselho de Estado, foi adotado, sem modificações, por dom Pedro I. Há também um exemplar de O Catão, pasquim que comungava as idéias do Partido Restaurador. O periódico era redigido por Francisco Gê Acaiaaba Montezuma, depois Visconde de Jequitinhonha e senador.

Estatuetas, belíssimas esculturas e os retratos de todos os presidentes do Senado também integram o acervo do museu. Entre os quadros expostos, há um doado pelo parlamento belga — “Rei Alberto”, de Jacques Madyol — e outro pela Sociedade Portuguesa de Beneficência do Rio de Janeiro — reproduzindo a comemoração do ato solene de assinatura da Constituição de 1891, do pintor Gustavo Hastoy.

Muitos dos objetos e quadros expostos foram restaurados pelo Senado. O museu está sob a responsabilidade da Secretaria de Documentação e Informação, dirigida por Fátima Regina de Araújo Freitas e desde setembro último conta com um Conselho Curador, presidido por Carmen Carneiro. O conselho tem por objetivo “estimular o desenvolvimento e colaborar na coleta, conservação e manutenção de objetos e documentos que devam constituir o seu acervo”.

O Museu do Senado guarda o plenário do início do século

FOTOS: JEFFERSON PINHEIRO



Com a nova sede a frequência no museu aumentou bastante